



## Do/O outro lado da rodovia\*

*Dell/el otro lado de la carretera*

*On/the Other Side of the Road*

Adriana Garritano Dourado

Universidade Católica Dom Bosco, Campo Grande, Brasil  
ORCID <https://orcid.org/0000-0001-8181-7482>  
agdourado76@gmail.com

Anita Guazzelli Bernardes

Universidade Católica Dom Bosco, Campo Grande, Brasil  
ORCID <https://orcid.org/0000-0003-4742-6036>  
anitabernardes1909@gmail.com



## Resumo

Produziremos reflexões no campo da psicologia com ferramentas epistemológicas pós-estruturalistas e metodológicas interdisciplinares do Sul Global, trabalhando com uma proposta de metodologias indisciplinadas pensadas por Jota Mombaça (2016), que nos permitem fazer composições com epistemologias subalternizadas, como também propõe Sofia Favero em sua psicologia suja. Acompanhamos as batalhas de rima nas praças da cidade de Dourados, em Mato Grosso do Sul, no período noturno, com uma intencionalidade política para poder afirmar outros modos de subjetivação. Para isso, acompanharemos uma cidade indisciplinada, interrogada pela juventude naquilo que a interroga na sujeira, que vem falar do não assujeitamento de corpos disciplinados pela violência cometida pelas diferentes práticas de normalização. Também se intenciona interrogar sobre a ocupação de uma cidade em que há desigualdade no acesso a lugar de cultura, arte e esporte, na qual os bairros periféricos ficam desassistidos em comparação aos bairros mais ao centro, mobilizando uma reflexão sobre desigualdade social na juventude brasileira, ao trabalharmos uma composição de análise com o/ do outro lado da rodovia, ao problematizar junto de uma pesquisa-experiência com a juventude sobre lugares e não lugares permitidos ou precarizados para a população periférica da cidade.

**Palavras-chave:** juventude, ocupação da cidade, batalhas de rima, subjetividade, colonialidade.

## Resumen

Plantaremos reflexiones en el campo de la psicología con herramientas epistemológicas pos-estructuralistas y metodológicas interdisciplinarias del Sur Global, trabajando con una propuesta de metodologías indisciplinadas pensadas por Jota Mombaça (2016), que nos permiten efectuar composiciones con epistemologías subalternadas, como también propone Sofia Favero en su psicología sucia. Acompañamos las batallas de rimas en las plazas de la ciudad de Dourados, en Mato Grosso do Sul, durante el periodo nocturno, con una intención política para poder afirmar otros modos de subjetivación y, para ello, acompañaremos una ciudad indisciplinada, interrogada por la juventud en aquello que la interroga en la suciedad, que va a hablar de la no sujeción de cuerpos disciplinados por la violencia cometida por las diferentes prácticas de normalización. También se trata de interrogar sobre la ocupación de una ciudad en la que hay una desigualdad en el acceso a un lugar de cultura, de arte y de deporte, en la cual los barrios periféricos quedan desamparados en comparación a los barrios más céntricos, planteando una reflexión sobre la desigualdad social en la juventud brasileña, al trabajar una composición de análisis con el/del otro lado de la carretera, al problematizar en una investigación-experiencia frente a la juventud sobre lugares y no-lugares permitidos o precarios para la población periférica de la ciudad.

**Palabras clave:** juventud, ocupación de la ciudad, batallas de rimas, subjetividad, colonialidad.

## Abstract

We propose reflections in the field of psychology, with post-structuralist epistemological tools and interdisciplinary methodological tools from the Global South, working with a proposal of undisciplined methodologies designed by Jota Mombaça (2016), which allow us to carry out compositions with subaltern epistemologies, as Sofia Favero also proposes, in his dirty psychology. We will work accompanying the rhyme battles in the squares of Dourados, in Mato Grosso do Sul, during the night period, with a political intention to be able to affirm other modes of subjectivization and, for that, we will accompany an undisciplined city, questioned by the youth into that investigates the dirt, which will speak of the non-subjugation bodies disciplined by the violence committed by the different normalization practices. It is also about questioning the occupation of a city in which there is inequality in access to a space of culture, art, and sport, where the peripheral neighborhoods are helpless compared to the more central neighborhoods. We thus propose a reflection on social inequality in Brazilian youth, by working on a composition of analysis on/the other side of the road, by problematizing with a research experience with youth about places and no allowed places for the peripheral population of the city.

**Palabras clave:** youth, city occupation, rhyme battles, subjectivity, coloniality.

Recibido: 02/10/2023 Aprobado: 04/12/2023 Publicado: 30/12/2023



Esse texto se engendra no percurso de uma das investigações que compõem o Projeto da COOPBRAS. A investigação vem sendo traçada, trançada e dançada no campo da psicologia e seus encontros com diferentes campos de saberes e modos de produção de conhecimentos interdisciplinares, fruto de uma interrogação da relação entre juventude e cidade a partir de uma forma de pensar com ferramentas epistemológicas e metodológicas do Sul Global. E ao considerar os desafios propostos para a produção de conhecimento acadêmico por outras ferramentas que historicamente foram subalternizadas pelos epistemicídios coloniais, seguiremos um ritmo, uma cadência, trabalhando com uma metodologia indisciplinada, proposta por Jota Mombaça (2016), que nos permite fazer composições com epistemologias subalternizadas, como também propõe Sofia Favero (2022) em sua psicologia suja, que fortalece um movimento de contracultura na produção de conhecimento, assumindo a intoxicação da norma como estratégia de defesa da vida (Favero, 2022: 227). Com essa inspiração batucada, trabalharemos com uma intencionalidade política para poder afirmar outras modalidades de subjetivação com a juventude periférica, que nos coloca para conhecer uma cidade em espaços coletivos que não se conhecia, em seus vários bairros, acompanhando as batalhas de rima do hip-hop nas praças de Dourados, em Mato Grosso do Sul, no período noturno. Para isso, um deslocamento foi necessário em uma pesquisa implicada, em que reconhecemos o jogo que surge

entre a ciência racional normalizadora e a sensibilidade conduzida e afetada das pesquisadoras.

Uma cidade indisciplinada constituída por uma juventude que interroga aquilo que a localiza na sujeira. Uma sujeira que vem falar da vida, das indisciplinas de corpos, de insistências de não assujeitamentos. Uma sujeira de corpos em alianças, de corpos que não se vestem de diferentes porque são aquilo que colocam o que os tornam diferentes em análise. Jota Mombaça e Sofia Favero não dão trégua: a indisciplinada e a sujeira serão estratégias políticas permanentes do conhecimento; não mais o que deveremos domar com a ciência, mas justamente o que deverá escancarar as violências da ciência.

O nome do artigo foi formulado tendo como uma das inspirações uma dissertação de mestrado em geografia que se propôs a entender a produção do espaço urbano das cidades, ocorrendo de forma desigual e negando aos moradores de bairros contemplados pelo Programa Minha Casa Minha Vida (MCMV), de baixa renda o acesso à cidade que, de um lado da rodovia, continha bairros em localidades periféricas, com acessos precários a políticas públicas de saúde, educação, transporte e assistência social, e do outro lado da rodovia, a cidade quase inteira, contava com investimentos em acessibilidade variada em bens de consumo coletivo, referindo-se à cidade de Dourados-MS. Não iremos nos aprofundar nas reflexões sobre a ocupação de todos os bairros, porém surpreende o fato de que nos bairros

periféricos do «além da rodovia», as casas foram entregues para a população, porém com um espaço de dez a doze anos para entregar instituições de políticas públicas de educação, saúde, assistência social, lazer e mobilidade urbana como rede de ônibus (Irabi, 2022) e que, mesmo assim, ainda não foram assistidos adequadamente ou inteiramente. Entretanto, também chama atenção que o acesso para atendimentos seja feito somente atravessando duas rodovias extremamente perigosas, de grande circulação de carros e caminhões e com alto índice de atropelamentos.

A proposta é fazer uma montagem «do» com o «outro» lado da rodovia, no que se percebe que, através de uma pesquisa-experiência com a juventude, também contam coisas sobre nós, sobre o que estamos produzindo, sobre as experiências que a cidade diurna não acolheu e que a noturna tenta descolonizar.

Circular pela cidade, seguindo os rastros da juventude, trouxe também uma reflexão: assumir riscos a partir do momento que uma pesquisa performada e parcializada coloca a pesquisa em psicologia não como uma ciência detentora de todos os saberes, buscando objetos a serem esquadrihados (às vezes até desqualificados ou silenciados nas pesquisas em ciências humanas), caçando verdades-bem-verdadeiras-de-verdades-neutras em seu campo exploratório, mas coloca o pesquisador junto do seu objeto, em uma relação de afetos considerados em um mesmo patamar: a juventude brasileira com a

ciência da psicologia, e não a psicologia sobre a juventude.

Convém situarmos de qual juventude e cidade estamos falando para dizermos de uma pesquisa com o «do/o outro lado da rodovia». Quando passamos a pensar com o Sul Global e seguindo os rastros dos trabalhos, entre outros os de Jota Mombaça e Sofia Favero, pesquisar é sempre um exercício situado de jogar pelo avesso. Ao invés de perguntar o que é uma «coisa», ou seja, sua ontologia, é considerar como se torna possível perguntar sobre isso nesse lugar, desde esse lugar; porque perguntar sobre isso, o que fazer quando se pergunta sobre isso, quais são as condições para se perguntar sobre isso; enfim, implica, sujar «o campinho» da linha reta entre sujeito-objeto e da disciplina pergunta-resposta. Portanto, cabe nos situarmos como localização geográfica e também como modalidades de subjetivação. Assim, trata-se não apenas de código postal onde uma pesquisa acontece, mas dos jogos que performam certas modalidades de juventude e de vida, desde os quais somos provocadas a pensar. Seguiremos o «do/o outro lado da rodovia» com uma das juventudes da cidade.

Ao considerar um estado eminentemente agrário do Brasil («o Agro é Pop!»), separado de Mato Grosso em 1977, Mato Grosso do Sul surge com indígenas usados como mão de obra compulsória e em conflitos de terra de coronéis e posseiros, tanto em conquistas por terra na fronteira dos dois Estados quanto em disputas entre Brasil, Bolívia e Paraguai por territórios entre os séculos XIX e XX

(Corrêa e Corrêa, 2021). Em seus ideais de zelar pelas áreas da fronteira do país, também estimulado pelo governo federal para que os espaços vazios do Brasil fossem colonizados (Vasconcelos, 2005), Mato Grosso do Sul é separado do Estado de Mato Grosso, em que a história de ambos se confunde com ideais genocidas indígenas de ocupação em experiências de grandes empresas nacionais ou estrangeiras de empreendimento, de agricultura e pecuária, com arquivos históricos contando que somente foram povoados com a chegada de migrantes europeus ou dos Estados Unidos, com estímulo estatal pelo governo brasileiro.

E com a cidade de Dourados não foi diferente. Surgida em 1935, acolhendo atualmente uma grande área de reserva indígena (diga-se «confinamento» de quase 20 mil indígenas terena, guarani e kaiowá em 3,5 mil hectares). Para que os projetos de colonização fossem viabilizados, seria necessário «limpar» as áreas destinadas à colonização (Vasconcelos, 2005). Quase fronteira, com distância de 120 quilômetros do Paraguai, Dourados é categorizada como uma cidade do agronegócio, povoada tanto por indígenas quanto por colonizadores do setor agrícola de outros Estados do país em busca de novas terras para plantio e pecuária. Também tem uma atividade urbana mobilizada por empresas, universidades e indústrias, sendo a segunda maior cidade do Estado, na qual a juventude sertaneja, agro e «chapeluda» habita bastante performada pela política agrária.

Não menos importante, temos dados estatísticos sobre a juventude brasileira

que pontuam que um quarto da população do Brasil é de jovens ente 15 e 29 anos, ultrapassando 50 milhões de indivíduos, pelos dados da Secretaria Nacional da Juventude (Brasil, 2023), e sinalizando a maior geração de jovens do país. Seus contrastes de desigualdade social, porém, são acentuados, com índices que apontam jovens negros, pardos ou indígenas como os que são mais afetados por violência (Brasil, 2021a; IPEA, 2021), desemprego (Brasil, 2021b), índice de pobreza, baixa escolaridade (Todos pela Educação e Moderna, 2021) e medidas socioeducativas (Brasil, 2018).

Em um Estado agrário, que inscreve também a juventude em uma política de morte (tendo o genocídio por raça/etnia/gênero significativos) capturada pelos dados de desigualdade social, somos, em contrapartida, capturados por outras potências de vida, com uma juventude do hip-hop que ocupa o cotidiano nas ruas da cidade à noite.

A ideia que tensionamos é poder olhar a cidade desconhecida para a maioria das pessoas no período noturno, que revela a política das rabeiras, da criatividade, nas rimas feitas no improviso, fugindo do sofrimento que os dados estatísticos contam sobre desigualdade na juventude brasileira. Assim, pelos encantos das indisciplinas e da psicologia suja, vamos encontrando outros lugares, nas cartografias das sombras. O que será que é capturado pelo universo do agro, da norma, do feijão-com-arroz ou do ganha-pão, na luz do dia e pelo rap de noite, na algazarra da batalha?



## Faz a pose, olha o *flash*, mata esse cara no trap!

Enfim, nossos parceiros da lua encontram-se quase diariamente (noturnamente, melhor dizendo) junto aos coletivos das batalhas nas praças e, é lógico, ao som do rap. São coletivos de jovens que combinam as batalhas nas praças da cidade à noite e comparecem nos horários marcados para as disputas entre os(as) vários(as) MCs dispostos(as) à disputa. No jogo, que traz uma lógica de aliança do bem viver, um jogador (ou duplas ou trios) faz uma rima e, na contrapartida, o opositor faz outra, baseando-se na rima do oponente e sem saber o que vai surgir, seguindo um ritmo de música, uma batida de rap ou hip hop, em que as rimas vão sendo construídas no improvisado, escorregadas na poesia da rabeira, em uma forma de resistência criativa em que, no final, o público dá seu voto para o vencedor.

Territórios existenciais celebrando a juventude pelo rap de forma pacífica, fora da loucura do dia a dia no universo capitalista, atravessam a cidade à noite ocupando as praças. Gladiadores do império romano dos primeiros séculos lutavam na arena por apostas em jogos públicos espetaculosos (por dinheiro ou por vidas e liberdade), em coliseus espalhados pelo território do domínio romano da época, alguns ainda preservados nos dias de hoje, como anfiteatros, como em Nimes, no sul da França, na Tunísia, ou na região italiana do Vêneto (G1, 2023).

Mas na batalha ninguém mata ninguém de verdade! Aqui é uma política de aliança para a vida, não

para o extermínio. Tem a Praça do Cinquentenário, Parque dos Ipês, Parque Antenor Martins (Parque do Lago), Praça do Centro e Praça do Canaã 3. A depender de quem promete ser o MC da parada naquele dia, mobiliza outros MCs de outros territórios, e assim chegam a percorrer quilômetros para participar naquele dia. A MC Tsunade anda 4,5 quilômetros pra organizar a batalha do Canaã 3, já que o Dioclécio Artuzi, bairro do «outro lado da rodovia» (Irabi, 2022), com grande taxa de vulnerabilidade social, criado em 2012 com recurso do Minha Casa, Minha Vida, não conta até hoje com uma praça pública, além do fato de que o acesso a políticas públicas é precário, desde transporte público até educação, saúde e assistência social. Aliás, o «Dioclécio» não tem praça, só um terreno destinado para isso, que tem servido de lixão há onze anos. Além do Dioclécio, tem o Harrison (bairro Harrison de Figueiredo) e o Ildelfonso (bairro Ildelfonso Pedroso); daria um rap do bom com tanto nome, e preparando o *flow* pra batida, melhor chamar os «brabos» logo. Três, dois, um, rima!

Saravá para o povo que inventou a cidade — e a cidadania — que lhe foi covardemente negada e criou esse modo de ser que atropela convenções, confunde, seduz, agride e comove... Nós somos herdeiros dos homens que bateram tambor e criaram a subversão pela festa. (Simas, 2019: 37)

As batalhas têm gladiadores de vários territórios da quebrada. E

mesmo vivendo na mesma cidade há pelo menos 40 anos, foi interessante perceber que não tem batalha daquele lado da rodovia. Quem é de lá tem de ir pro outro lado, porque não há praça por lá. Aliás, será que estamos nos colocando epistemologicamente do «lado de cá»? Pesquisador-morador-do-lado-de-cá e objeto de pesquisa-juventude-periférica-do-lado-de-lá?

Situando-se sobre a juventude no Brasil, vemos que os jovens foram «aparecer» na brecha da lei dos outros mesmo. Em códigos e normativas do século XIX e XX nunca apareceram, a não ser que fossem «menores infratores», «irregulares»; suas citações foram na falha ou na falta de política pública de inclusão, com ser de direito, em um jogo de captura que sai da condição desumana e desassistida para entrar em um regime republicano de penalidades de corpos negros, indígenas e mais pobres. A forma colonial de desenvolvimento da república imperou. A política, até então, apenas reforçou o caráter punitivo das ações destinadas a esse público. Não cita criança, adolescente ou jovem: ou é «menor» inimputável, criminoso ou delinquente; ou é «agente de crime» ou «condenado». O termo «pessoa» só é usado ao se referir à vítima do crime. Dá a impressão de que só é considerada «pessoa» se não cometer crime, não importando a idade. Antes de ser uma criança, adolescente ou jovem, já se era um criminoso, e pontua certamente Sofia Favero quando diz que isso fala mais de quem nomeia do que daquele que é nomeado, pois «não estão somente infringindo a cidadania

de alguém, estão também fabricando um raciocínio em que elas mesmas são narradas como limpas, adequadas, consertadas, saudáveis» (Favero, 2022: 27).

Na inquietação característica da idade, a juventude foi povoando a cena do país e, sem estar de carona, na rabeira das leis dos outros e mesmo operando nas frestas, quis sua própria direção com autonomia de seres de direitos reconhecidos. Aliás, ela sempre esteve presente, porém, em um jogo de visibilidade/invisibilidade no país de maneira ainda desigual socialmente. As exigências do mercado de trabalho quanto à rentabilidade da população parecem operar sobre a população jovem mais desassistida economicamente, quando culpa a juventude por índices em desacordo com um padrão ideal e hegemônico de viver no Brasil.

E no «rolê» na cidade, buscando espaços onde a juventude estava, com inquietações também provocadas pelo trabalho enquanto psicólogas em espaço clínico privado ou público na política de assistência social, ou como pesquisadoras acadêmicas, curiosidades sobre adolescentes-jovens, seguimos as miudezas desse chão-território em uma linguagem encantada sob o chão (Simas, 2019); em revelações do povo da rua, de gente comum, íamos seguindo as pedrinhas iluminadas.

Admitir que a experiência de uma pesquisa com a juventude também traz uma reflexão importante sobre as implicações ético-políticas de uma análise com base na ontologia do

presente, em que há o risco de sermos pesquisadoras que se permitem modificar ao longo do percurso. O objeto de pesquisa é aquilo que se produz pelo encontro de quem pesquisa com um campo de pesquisa, é uma condição de afetação, por isso sempre parcial, também pode se transformar desta maneira, em um jogo de forças que traduz uma juventude, com vontade de se mexer, de expandir, de romper com a mesmice, de fugir do tédio para viver. Admitir que se pode produzir novos conhecimentos a partir do que se escreve não é fácil. Assumir que os corpos que produzem as pesquisas, fugindo da lógica colonialista da aquisição do conhecimento, também provocam efeitos políticos. Mas se assume assim, que novas relações podem aparecer a partir do universo dinâmico que a pesquisa articulada entre teoria e experiência considera, que tanto a experiência pode ser modificada bem como a própria teoria (Bernardes et al., 2021).

A primeira parada foi na Praça da Juventude, em que a expectativa foi grande, o título era bem chamativo. Afinal, uma praça para a juventude, arrasou! Foi proposta ao Ministério do Esporte pelo Conselho Municipal da Juventude, em 2010, com uma portaria interministerial, como um espaço institucional de várias áreas. O espaço é grande, com cine, telecentro, pista de skate, biblioteca, quadras de esporte cobertas, parquinho, salas multiuso, além de um Centro de Referência de Assistência Social (CRAS) para atendimento à população em geral.

O espaço de praça atua como encruzilhada em uma composição da cidade como lugar de encontros, de movimentos dinâmicos da juventude. Aliás, encontro de todos na cidade; por ali perambulam jovens, homens, mulheres, crianças. Mas «Praça da Juventude», com esse nome, era novidade. E a surpresa foi que, ao se aproximar do lugar para procurar grupos de jovens na praça, a informação foi de que um CRAS que tinha lá foi embora em 2019 por contenção de gastos da administração municipal, e em seu lugar fica um posto grande da Guarda Municipal, em que os policiais só aparecem quando há alguma ocorrência, uma vez por dia. E o espaço fica fechado, com as chaves da polícia.

No Brasil colonizado, a Praça da Sé, em São Paulo, fez história em seus ideais renascentistas. Também foi palco para os Racionais MC's, ícones da juventude periférica em 2014, e teve um monte de confronto da população com a polícia. Na Praça da Candelária, não teve palco: uma chacina matou a tiros oito adolescentes e feriu vários outros jovens em 1993. Os assassinos: homens policiais militares, ex-policiais e civis que foram condenados somente após anos.

Em uma parte da Praça da Juventude, colocaram um Núcleo de Apoio à Saúde da Família (NASF), em serviços administrativos e de planejamento da equipe para as ações em toda a cidade. Projetos de extensão na cultura são bem-vindos através da universidade, que tem artes cênicas na grade de curso, em parceria com a Secretaria Municipal de Cultura. O



esporte aparece em oficina de futebol para a meninada. À tarde, eles vão para andar de skate, e aí o agito é grande. Tem até uma igreja do lado, como em outros tempos toda cidade tinha, mas as atividades religiosas não se cruzam ali, apesar de que os evangélicos adoram pedir para celebrar culto no local. E qual seria o problema de um despacho de macumba com Nossa Senhora, em nome do Pai, Espírito Santo, Amém, Jesus Cristinho, Oxalá: quem sabe assim a gente desamarrasse esse nó da Praça enroscada?

Mas a praça fecha às 17 horas e na Praça da Sé, o Racionais cantou, em letra que simbolizou o confronto: «Às cinco e meia da manhã, a polícia ainda encontrava dificuldades para controlar a multidão. Não há mais o que fazer na Praça da Sé, hoje» (Racionais, 2014).

E na Praça da Juventude, fechando também às 17 horas, não tem confronto, nem rap, funk, hip-hop ou skate, nem gladiadores de batalha de rima, roda de paquera ou tereré.

São os jovens da Praça da Juventude os donos da parada? Como a cidade conta sua história (Simas, 2022) com o cotidiano da juventude? Ou sem a juventude, fechando os portões a ela?

Pois bem, foi melhor ir pra outro canto, para as ruas, reivindicar o saber da Juventude-com-Jota-Maiúsculo. Aliás, falando em Jota, a Mombaça (2016) é sempre bem-vinda, com sua submetodologia desobediente das ciências da caretice. A Praça da Juventude foi limpa, higienizada, violada pela limpeza, organização,

disciplina: horário de abrir e fechar, quem brinca, como brinca, onde brinca e quem são os corpos que ali circulam. Ali a juventude tem nome, tem forma, tem corpo, tem roupa, tem marca, tem tudo aquilo que esperamos dela. Mas uma submetodologia nos mostra como isso agride: uma praça que fecha? Uma praça que tem ordem? Segundo Sofia Favero: «Abrir espaço para o sujo é fechar o espaço para o nefasto. A sujeira é agressiva, mas a limpeza é verdadeiramente violenta» (Favero, 2022: 24). Vamos, então, seguir a sujeira das noites indisciplinadas, das batalhas, dos corpos que aparecem quando os portões fecham.

Hüning e Gomes questionam a maneira hegemônica de produzir ciência, com a circulação de discursos epistemológicos que também envolvem a psicologia, em que a figura do cientista, que detém um saber neutro, busca a verdade absoluta sobre um determinado objeto; porém, no encontro com o território urbano, essas imagens são estilhaçadas. Para os autores,

Não há pureza, controle ou assepsia. Não resta tão pouco, um objeto passivo. Os movimentos, os barulhos, as memórias, os sentimentos, uma multiplicidade de elementos, enfim, desafia todos os sentidos e certezas. Pesquisar na cidade é conduzir-se por ela. (Hüning e Gomes, 2019: 103).

Citando também Haraway (1995), com seus questionamentos sobre a tal objetividade da ciência, Hüning e Gomes (2019) propõem que possamos ampliar o lugar do afeto e da experiência sem precisar abdicar da

razão e das ferramentas conceituais da psicologia, ao entrelaçá-la com a relação território-subjetividade nos espaços de vida; de que modos as pessoas que transitam pela cidade constituem sua existência na conexão com o território. E, desta forma, poder usar nosso corpo e subjetividade, afetados, fazendo parte do processo de pesquisar, em espaço de pesquisa que nos coloque com nossas sensibilidades como peças importantes de um fazer analítico-científico.

Krenak, com seu excelente *Ideias para adiar o fim do mundo*, inquieto com o que a humanidade tem feito para lidar com seus produtos, traz seu pensamento questionador:

Nosso tempo é especialista em criar ausências: do sentido do viver em sociedade, do próprio sentido

da experiência da vida. Isso gera uma intolerância muito grande com relação a quem ainda é capaz de experimentar o prazer de estar vivo, de cantar, de dançar. E ainda está cheio de pequenas constelações de gente espalhada pelo mudo que dança, canta, faz chover. (Krenak, 2019: 13)

Em um questionamento também acerca do que a colonialidade fez com nossa humanidade, ditando regras para que se entendesse que a civilização tinha um modelo único, desqualificando saberes, convida a humanidade-vaída-hegemônica a buscar outras companhias e fazer uma viagem cósmica (Krenak, 2019) em narrativas que buscam a resistência criativa como estratégia para lidar com as questões de nossos tempos.

### É subalterno ou subversão?

Tudo era inferno, eu fiz inversão

A meta é o eterno, a imensidão

Como abelha se acumula sob a telha

Eu pastoreio a negra ovelha que vagou dispersa

Polinização pauta a conversa

Até que nos chamem de colonização reversa. (Emicida, 2019)

Um outro tipo de rua parece surgir na pesquisa, construindo um outro espaço, uma outra cidade enfeitada, como na gramática dos sobreviventes (Simas e Rufino, 2020), em que o encantamento

como ato de desobediência, que dribla e enfeitiça a lógica produtivista, utilitária das ciências, também mobiliza uma reflexão sobre estarmos «cagando pro que querem de nós, queremos o sangue da rima e ocupar a cidade»; sobre o que o movimento deles mobiliza nas nossas ciências cheias de inteligibilidades; o que o movimento de ocupação da cidade pelas batalhas conta sobre nós, corpos que querem trazer respostas sobre a juventude, sobre o que devem fazer, onde devem povoar, circular (ou não circular), dando dicas sobre onde podem procurar empregos ou estudar, de um universo que não pode parar pra cantar e celebrar, etcétera.

Faz tempo que o rap vem tremendo  
o chão

Sacudindo o mundão através da  
conexão

Do ritmo da rima e todo mundo no  
refrão

O rap começou e pode crer é  
invasão. (Atitude Rap, 2009)

E pegando o rumo da estrada, surgiu a Praça Central, na comemoração do Dia da Consciência Negra, no ritmo da juventude. Surdo de terceira em bateria de escola de samba, na gramática dos tambores na genialidade do Tião Miquimba, descrito por Simas, tem muito a nos contar também com a juventude. Marcação que quebra o compasso ritmado da bateria, preenche o vazio, bagunça o ritmo dos outros surdos, desfazendo a monotonia provocada pelo surdo de primeira, que vai, e pelo de segunda, que vem. O surdo de terceira é trabalhoso, não tem tanta disciplina como os outros, não quer cabresto, quer liberdade de movimento, quer autonomia, tem uma maneira diferente de levar o som para o ritmo do samba.

Com a juventude em sua peculiaridade, barulhenta, que sempre dá o seu toque diferente, às vezes arrogante e audaciosa, propõe quebra na disciplina do universo dos mais velhos, cheios de regras. Como figura e fundo, os tambores tomam em seu colo, os elementos da música, dando suas bênçãos ao som contagiante do samba, em seus timbres, mas sem perder as características próprias. Aliás, o que o rap tem a ver com o samba? No Brasil? Tudo!

A praça faz em seu testemunho, de boa observadora do cotidiano das pessoas, seu ritmo, às vezes compassado, às vezes não. Na verdade, a praça parece não gostar da monotonia. Gosta do ir e vir, mas sem cabresto; não gosta da disciplina. E a disciplina tem hora que vai na marra pra juventude, de tanta inquietação.

Na celebração da praça, teve apresentação de capoeira dos jovens, show de rap de tudo quanto é jeito, acarajé, artesanato, gente de skate e patins, já que a cidade tem pouca pista de skate e todo mundo usa a praça pra patinar, cantar e dançar. Foram tantos sons, cheiros diversos, banquinha de venda de bótons de universitários, um monte de coisa no balaio da praça, tudo misturado. E era dança de centro de candomblé, em um misto de reza e dança, com meninada andando de skate e outros na fila do acarajé. E o povo do rap indígena aguardando pra se apresentar, com revolta porque chamaram primeiro o grupo de outra cidade — quase deu briga. E os coletivos da batalha de rima também, mas desta vez estavam respeitando os shows variados da celebração do Dia da Consciência Negra.

A praça de uma cidade é viva, de passagem ou de um bocadinho de parada no banco, de gente que descansa pra depois continuar. A praça, que na década de 80 já teve jacaré na fonte d'água que a criançada adorava, mas não podia pegar, parece até gostar dessa indisciplina da juventude de agora, do improviso louco na regra da cidade, que manda todo mundo render, trabalhar, estudar, não parar e depois mais ainda render, trabalhar, estudar

e nunca parar mesmo, senão fica pra trás. Fica bem no meio da cidade, onde quem pega ônibus para ir pra escola cruza com quem vai pro trabalho. E também fica quem não tem para onde ir, às vezes com família inteira em situação de rua.

Quanto de misticismo se agita na praça do jacaré, do surdo indisciplinado do samba que quebra a monotonia, da juventude inquieta celebrando, cantando, saracoteando. E talvez o som da praça seja parecido com o som da juventude, com contradições que visam a harmonia, que não apagam o jeito próprio de cada identidade, às vezes na marra, mas sempre querendo transformação.

No Dia da Consciência Negra, a praça também vira dia de Zumbi, que deve ter batucado muito por aí pela resistência do povo negro à escravidão. Dizem na história que não era só um Zumbi; que eram vários que assumiam a liderança da resistência do quilombo. Quem sabe não foi o próprio Zumbi incorporado quem ganhou o prêmio do festival de rima daquele domingo. Mas quem sabe se o Zumbi que incorpora a luta da juventude desta vez só queira paz, não queira disputa; só queira respeito, como o jogo dos surdos, que até gosta do ritmo, mas gosta de quebrar a rotina. Mas, quem sabe? A praça sempre sabe.

Questionamentos surgem sobre como a ocupação urbana pelos jovens na batalha do rap pode movimentar o modo como a gente pensa; não sobre a juventude que se quer, limpinha e nos padrões do capitalismo, do estado agrário de dia, que movimenta as

praças de dia pra quem trabalha ou estuda, já que há muita desigualdade social e violência, mas com uma juventude que se multiplica à noite, em praças noturnas ao som do rap do improvisado, movimentando espaços de vida coletiva na arte, resistência e expressividade, fazendo deslocamentos para habitar a cidade.

Seguindo esses corpos, em suas afirmações de vida, a surpresa também surge ao perceber que foram eles que acabaram nos fazendo circular por esses espaços, performando nas batalhas, erguendo os braços com a galera, se permitindo ser as «tias da parada» (a diferença de pelo menos 25 anos de idade sempre sinaliza), torcendo pelos MCs, rachando de rir quando um faz uma rima descontraída sobre o outro, cuidando pra não deixar bituca de cigarro no chão (eles também se mobilizam para não deixar lixo no chão e contra o uso de drogas pra não chamarem a atenção da polícia e ficarem em paz; enfim, são os donos da parada).

E o coletivo aparece na Praça do Canaã 3, desta vez no dia de batalha mesmo, nas terças, às 19 horas «Tem o lado A e tem também o lado B: vai morrer ou vai matar, vai matar ou vai morrer! Só “as rima mais potente”, do rap que se expande: o que vocês querem ver? Sangue!», todos gritam. Mas sangue de quê, se nem bituca de cigarro podia deixar no chão pra depois não dar confusão com a prefeitura e com a polícia? Sangue só se for do rap na veia. E não pode rolar ofensa ou violência. Nem sempre a polícia deixa quieto, diziam eles: cansados de levar

pau, «às vezes a gente faz umas “roda” com o coletivo na casa duns mano parceiro».

A Soul Ra, cantora douradense de rap, sempre aparece na batalha de rima, mais na praça central da cidade, na «praça do jacaré», para rimar. Raíssa-Rainha dos palcos, cantando «Sou paz, Soul free, Somar, Sorrir, Soul Ra» (SoulRa, 2020), mas na batalha não tem rima pronta, e «não é só deixar bigode pra falar que é rap» (SoulRa, 2020). Fez faculdade, mas só pra entregar o diploma pros pais; depois vazou. Gravou CD e vende mais barato pros «bros». Foi detida pela polícia por questionar o porquê de artistas locais ficarem por último nas apresentações em um evento, algemada e enfiada no camburão. Virou obra no grafite da cidade. E agora vai pra São Paulo tentar a vida por lá.

A rima na batalha é feita por quem leu muitos livros, só que não! O *freestyle* tem improviso, a inspiração vai aparecendo e o público vota depois, ergue a mão e grita por quem achou que tem a melhor rima. Dizem que na Idade Média os espetáculos de luta juntavam milhares e que a sentença do dedo voltado para baixo é mito. No tempo atual, o público é o imperador. O ouvinte vira coautor e a performance também comanda a juventude-poeta da praça. Gladiadores-poetas gritando querer sangue de barulho, «mata esse cara no trap», resistência, poesia e luta.

Eu surgi das cinzas entre essas neblinas

Destruí mais que o furacão Katrina

Rima por rima matei inimigo

Esse flow aqui é seu pior castigo

Se me perguntarem como eu consigo

É que as páginas dos dicionários eu mastigo. (Choice, 2019)

E às 22 horas, fazendo o caminho de volta, o coletivo ainda estava lá, no maior astral, só no ritmo, organizando os próximos duelos, esperando que a polícia não incomodasse.

Observando a batalha de rima como uma forma literalizada de expressividade, Gonçalves (2015) pontua que se tensiona lugar de fala, cultura, apropriação de território da linguagem urbana através das batalhas. Feitas geralmente por jovens em espaços públicos, todas falam do mesmo lugar da invisibilidade, marginalização. A autora ainda fala que a produção da literatura de rua das batalhas de rima retira autores canônicos da esfera da periferia, na qual as vozes da juventude são acolhidas e parecem ter falas validadas, embora nem sempre institucionalmente reconhecidas.

Pitta (2019) considera que a rua é, ao mesmo tempo, hostil e conhecida, pública e privada, nossa e dos outros na linguagem dos *rappers*, que se apropriam de seus elementos e transitam nesses entrelugares ao falar da contestação, da fome, da alegria, da juventude, farejando sons, visões e discursos, devorando signos e vidas para produzir rimas, e também podendo criticar suas realidades, utilizando modalidades expressivas para lidar consigo e com o mundo. Ou



simplesmente experimentar o bem viver na rua, ou, como diz Simas (2022), utilizando «os espaços de invenção da vida no precário e viração da morte em alegria e arte».

E se um dia você conseguir me acertar

Pode crer que daqui a pouco vou me levantar

Eu não fico caído sou um guerreiro nato

E quando você me bate devolvo no mesmo ato. (Moraes, s.d.).

E a inspiração com nossa montagem com o/do outro lado da rodovia também daria uma batalha: «se tu ama essa cultura, se tu ama essa cultura, grita hip hop, grita hip hop! Ouuuuu Ouuuu! Ouuuu!».

## Considerações

Para encerrar, caberia aqui uma batalha de rima, mas precisaríamos do improviso no testemunho da praça. Talvez em um projeto de praça do outro lado da rodovia, que aguarda há doze anos pra ser construída, no meio do lixão mesmo. Rima elaborada antes não vale, fica muito fácil assim. Porém, imaginaríamos algumas palavras no fervo, como injustiça, rodovia maldita, alegria na aliança rap, reivindicação, ausência, presença, sujeira do lixão, é nós na parada, etcétera.

Em uma pesquisa-experiência em uma cidade de praças, uma cidade suja das batalhas, das alianças noturnas de lugares forjados pela

multiplicidade de diferenças, surge uma cartografia das sombras tendo como fio condutor a juventude periférica da cidade. Assumindo sua potencialidade justamente como contraponto à história única, de um só tipo de juventude, em um estado agrário, com uma cidade agro, que busca normatizar corpos jovens, a juventude do rap surge através das batalhas de rima nas praças, como estratégia de aliança pra lidar com a vida, reinventando suas histórias, reivindicando saberes próprios e assumindo sua potência sem querer ser igual a ninguém e cuidando de sua diferença.

\*Projeto Corpo, cidade, hospitalidade: articulações tecno-políticas. Programa CAPES: Programa de Cooperação Brasil Sul-Sul, Edital nº 05/2019, Número 88887.368942/2019-00, UCDB. Início da vigência: 01/01/2020 e término da vigência: 31/12/2024.

## Bibliografia

- Atitude Rap (2009). O rap começou. *O rap começou* [álbum]. Nova Safra Produções.
- Bernardes, A.G., Guareschi, N.M. de F. e Galeano, G.B. (2021). Reflexões ético-políticas de questões metodológicas de pesquisa em psicologia: Problema e objetivos. *Revista Psicologia e saúde*, 13(2), 83-96. <https://doi.org/10.20435/pssa.v13i2.1263>
- Brasil (2018). *Relatório da Pesquisa Nacional das Medidas Socioeducativas em Meio Aberto no Sistema Único de Assistência Social*. Ministério do Desenvolvimento Social. Secretaria Nacional de Assistência Social. [https://www.mds.gov.br/webarquivos/publicacao/assistencia\\_social/relatorios/Medidas\\_Socioeducativas\\_em\\_Meio\\_Aberto.pdf](https://www.mds.gov.br/webarquivos/publicacao/assistencia_social/relatorios/Medidas_Socioeducativas_em_Meio_Aberto.pdf)
- \_\_\_\_\_. (2021a). *Tecnologia da Informação a Serviço do SUS. Violência doméstica, sexual e/ou outras violências*. Sinan. Ministério da Saúde. <http://tabnet.datasus.gov.br/cgi/tabcgi.exe?sinanet/violencia/bases/violebrnet.def>
- \_\_\_\_\_. (2021b). *Desemprego de longo prazo afeta principalmente jovens e com baixa escolaridade, aponta SPE*. Ministério da Economia. <https://www.gov.br/economia/pt-br/assuntos/noticias/2021/agosto/desemprego-de-longo-prazo-afeta-principalmente-jovens-e-com-baixa-escolaridade-aponta-spe>
- \_\_\_\_\_. (2023). *SNJ Secretaria Nacional da Juventude*. Presidência da República. Secretaria-Geral. <https://www.gov.br/secretariageral/pt-br/juventude/snj#:~:text=Atualmente%2C%20cerca%20de%20%C2%BC%20da,jovens%20da%20hist%C3%B3ria%20do%20Pa%C3%ADs>
- Choice (2019). Jovens campeões. *O Alpinista do Século XXI* [Álbum]. <https://open.spotify.com/intl-pt>
- Corrêa, V.B. e Corrêa, L.S. (3 de outubro de 2021). *Uma reflexão sobre a história de Mato Grosso do Sul*. Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso do Sul. <https://ihgms.org.br/artigos/uma-reflexao-sobre-a-historia-de-mato-grosso-do-sul-43>.
- Emicida (2019). Eminência Parda. *AmarElo* [álbum]. Laboratório Fantasma.
- Favero, S. (2022). *Psicologia suja*. Devires.
- G1 (19 de março de 2023). *Os 9 coliseus milenares mais bem preservados do mundo além de Roma*. *Turismo e Viagem*. G1. <https://g1.globo.com/turismo-e-viagem/noticia/2023/03/19/os-9-coliseus-milenares-mais-bem-preservados-do-mundo-alem-de-roma.ghtml>
- Gonçalves, R.A. (2015). Rima e a estética da resistência. *Revista Matruga*, 22(37), 118-132. <http://dx.doi.org/10.12957/matruga.2015.19934>

- Haraway, D. (1995). Saberes localizados: A questão da ciência para o feminino e o privilégio da perspectiva parcial. *Cadernos Pagu*, 5, 7-41.
- Hüning, S.M. e Gomes, C.A.R. (2019). A pesquisa-experiência na psicologia: Corpos, afetos e experiências em territórios urbanos. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 39(número especial 2), 100-111. <https://doi.org/10.1590/1982-3703003225540>
- IPEA (2021). Atlas da violência: revelando as dimensões da violência contra as minorias sociais. Fórum Brasileiro de Segurança Pública Juventude Perdida.
- Irabi, M.M. de A. (2022). As políticas habitacionais e a (re)produção da cidade: a área do Grande Guaicurus em Dourados-MS. Dissertação de mestrado. Universidade Federal da Grande Dourados.
- Krenak, A. (2019). *Ideias para adiar o fim do mundo*. Companhia das Letras.
- Mombaça, J. (2016). Rastros de uma submetodologia indisciplinada. *Concinnitas. Revista do Instituto de Artes da UERJ*, 1(28), 341-354.
- Moraes, V. (s.d.). *Rimas & rimas*. Vagalume Música é Tudo. <https://www.vagalume.com.br/rzo-stronda/rimas-rimas.html>
- Pitta, A.C. (2019). *O rap do fim do mundo: Modernidade tardia brasileira e insurgência nas canções de Criolo e Emicida*. Tese de doutorado. Universidade Federal da Bahia.
- Simas, L.A. (2019). Pedrinhas miudinhas: Ensaio sobre ruas, aldeias e terreiros. 2.<sup>a</sup> ed. Mórula.
- \_\_\_\_\_. (2022). *O corpo encantado das ruas*. 10.<sup>a</sup> ed. Civilização Brasileira.
- Simas, L.A. e Rufino, L. (2020). *Encantamento: Sobre política de vida*. Mórula.
- SoulRa (2020). *SoulRa* [vídeo]. <https://g.co/kgs/CaL372>
- Todos pela Educação e Moderna. *Anuário Brasileiro da Educação Básica: 2021*. [https://todospelaeducacao.org.br/wordpress/wp-content/uploads/2021/07/Anuario\\_21final.pdf](https://todospelaeducacao.org.br/wordpress/wp-content/uploads/2021/07/Anuario_21final.pdf)
- Vasconcelos, C.A. de (2005). A colonização contemporânea de Mato Grosso do Sul. Em *ANPUH XXIII Simpósio Nacional de História*. Londrina. [https://anpuh.org.br/uploads/anais-simposios/pdf/2019-01/1548206571\\_61688972685b839a9c0c5be825df2e81.pdf](https://anpuh.org.br/uploads/anais-simposios/pdf/2019-01/1548206571_61688972685b839a9c0c5be825df2e81.pdf)